

Ânforas da região de Monforte: Contributo para o conhecimento do comércio rural romano

RUI BOAVENTURA*

CARLOS BANHA**

RESUMO

Apresenta-se o inventário possível para as ânforas da região de Monforte resultante das prospecções arqueológicas desenvolvidas entre 1995 e 2002, no âmbito do projecto COMONPH. Procura ainda estabelecer-se a eventual relação entre a presença destes contentores e o tipo de sítios onde foram recolhidos. Desta forma deseja contribuir-se para o conhecimento do comércio rural romano da região.

Palavras-chave: ânforas – povoamento rural romano – Norte Alentejo.

ABSTRACT

This paper presents an inventory of visible amphora sherds collected during the 1995-2002 archaeological surveying in the region of Monforte, under the project COMONPH. This study also considers the relationship between the presence of these containers and the type of sites from where they were collected. In this way we hope to contribute to the knowledge of rural Roman commerce in this region.

Key-words: amphora – roman rural settlement – North Alentejo.

* Arqueólogo. E-mail: rui.boaventura@louisville.edu

** Arqueólogo. E-mail: cb@ipa.min-cultura.pt

...the ...
...the ...
...the ...

.

...

...

...

.

1. INTRODUÇÃO

O projecto de investigação “As Comunidades Pré-Históricas dos 4.º-3.º Milénios na Região de Monforte” (COMONPH), de que fui co-responsável entre 1997 e 2001 (Lopes; Boaventura, 1997; Boaventura, 2000; Boaventura, 2001), desenvolveu prospecções sistemáticas e selectivas nessa região (fig. 1). Além do objectivo essencial desse projecto, o conhecimento das ocupações pré-históricas, foram também identificados ou relocalizados outros sítios de diversas cronologias, nos quais se recolheu algum espólio caracterizador, nomeadamente de época romana (fig. 2).

Pretendendo dar a conhecer esses novos dados de época romana, e rever outros, delineei um ensaio para a área envolvente de Torre de Palma, materializado em 2000 com a aprovação em PNTA do projecto “Povoamento Rural de Vaiamonte” (PROVAIA), em colaboração com A. Carneiro. Infelizmente, a não atribuição de verba levou ao cancelamento desse projecto no ano seguinte. Apesar disso, a lista de sítios da área de Vaiamonte terá servido a A. Carneiro para a leitura do território envolvente, no âmbito da sua tese de mestrado intitulada “Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira” (2002 e 2004).

Felizmente outras colaborações chegaram, ou estão chegando, a melhores “portos secos”, de que este artigo em colaboração com Carlos Banha é exemplo (apesar de iniciado em Dezembro de 2002 e finalizado Janeiro de 2004, quedou-se na gaveta até Março de 2005). Realce-se ainda a breve e útil classificação cronológica que Eurico Sepúlveda realizou para a *terra sigillata* dos vários sítios aqui abordados (*c. p. (classificação pessoal de) E. Sepúlveda*) e a cartografia produzida por Maia Langley.

2. A PROVENIÊNCIA DOS MATERIAIS

Os fragmentos de ânforas agora apresentados resultam das referidas prospecções na região de Monforte e são estudados em conjunto com os materiais inéditos de sítios do concelho de Monforte, existentes no Museu Nacional de Arqueologia (MNA). De facto, após a análise dos materiais da Herdade do Reguengo (o mesmo que Reguengo 2), Monte do Pombal (o m. q. Pombal 1), Sampão (o m. q. Sampão 1), Manteigas (o m. q. Manteigas 1) e Cabeça Gorda (o m. q. São Cornélio 1 e 2), apenas no primeiro sítio se detectou a presença de ânfora. Quanto a Torre de Palma, graças ao inventário global realizado por Maia Langley (informação pessoal) do espólio exumado por M. Heleno (em depósito no MNA) e por Stephanie Maloney, foi possível verificar a presença de cerca de duas centenas de fragmentos de ânforas, na maioria passíveis de reconstituição, o que ultrapassa assim o número das peças publicadas por A. Diogo (1999-2000).

A contextualização estratigráfica dos materiais estudados é limitada, pois quase todos eles provêm das recolhas superficiais referidas. Exceptuam-se os materiais de Torre de Palma, a maioria de Reguengo 2, Cabeça de Vaiamonte e Janelas 2. Dos três primeiros sítios referidos, estas peças foram recolhidas nas campanhas de M. Heleno naqueles locais (Boaventura, 2000 e 2001; Diogo, 1999-2000; Fabião, 1996 e 1998), normalmente de sondagens ou escavações, mas também de prospecções localizadas (Boaventura, 2001), mas em breve acreditamos que M. Langley consiga esclarecer a proveniência aproximada de parte dos objectos de Torre de Palma. O achado de Janelas 2 surgiu durante uma lavoura.

A. Diogo (1999-2000) publicou parcialmente o espólio anfórico dos sítios de Monforte, em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (MNA), correspondendo a materiais da Herdade do Reguengo, Torre de Palma e Cabeça de Vaiamonte, ainda que sem a devida codificação individual dessas peças, o que é agora realizado para as peças de Reguengo 2 (fig. 3) – o mesmo que Herdade do Reguengo, código de estação MNA 245; quanto ao espólio de Torre de Palma, consideramos por ora apenas as peças publicadas, visto que a referida inventariação de M. Langley permitirá um novo estudo mais detalhado e abrangente dos contentores anfóricos daquele sítio.

Os materiais da Herdade do Reguengo, em depósito no MNA, podem ser adscritos ao sítio com uma relativa segurança, visto que as respectivas caixas de cartão faziam menção a algumas particularidades, registadas na sequência da desmontagem dos armários antigos, realizada nos anos 80:

Descrição dos Contentores	Complexo MNA
"Herdade do Reguengo, Entulheira (Crivo)"	2001.23.(+ n.º inventário)
"Junto com [materiais da] Herdade do Reguengo"	2001.22.(+ n.º inventário)
"Junto com [materiais da] Herdade do Reguengo e outros sítios"	2001.24.(+ n.º inventário)

No caso das ânforas publicadas por A. Diogo (1999-2000), as atribuídas a Reguengo 2 correspondem, de facto, ao complexo "2001.22", isto é, a materiais que foram recolhidos nas prateleiras dos armários antigos "junto com [materiais etiquetados] Herdade do Reguengo". Curiosamente, os dois fragmentos de ânfora, infelizmente sem tipologia definida, provenientes da "Entulheira (Crivo)" apresentam pastas béticas (2001.23.01 e 02).

Os sítios de onde são provenientes os fragmentos de ânforas tratados neste trabalho podem ser agrupados em dois conjuntos relativamente coerentes (fig. 2):

– Um grupo de sítios com espaços amuralhados / fortificados, cedidos para uma primeira apresentação a R. Mataloto (2002) e por ele designados fortim e recinto-torre, respectivamente, os sítios de Penedo do Ferro e Outeiro da Mina. Neste grupo também se poderá incluir a Cabeça de Vaiamonte (Heleno, 1962; Gamito, 1988 ; Fabião, 1996 e 1998), ainda que, até hoje, a evidência de muralha não esteja arqueologicamente confirmada, bem como a existir, qual a sua verdadeira extensão e cronologia.

– O segundo grupo corresponde a sítios com as características de espaços domésticos de cariz rural, principalmente do tipo *uilla* romana, baseado na caracterização resumida por M. Almeida (2000, p. 43-44). Assim, os sítios presentes poderão ser descritos como áreas de dimensão considerável (próximas de 1 ha) com dispersão de materiais, recolhendo-se fragmentos de cerâmica comum, *dolia*, ânfora, *terra sigillata*, vidros, metais, elementos arquitectónicos (colunas – normalmente em calcário cristalino, mármore ou granito, placas de mármore, silhares, blocos de *opus*, vestígios de mosaicos, manchas de *tegulae*, imbrices e *lateres*), epígrafes, pesos de lagar, etc. São disso exemplo os sítios de Torre de Palma, este já "bem conhecido" (Heleno, 1962; Maloney, 1999-2000a e b; Lancha et al, 2000), Reguengo 2 (Heleno, 1962; Caeiro, 1974-77, 1977, 1978, 1979), São Lourenço, Poço do Mesquita, Brancas e Aldinha 1. Resta ainda o achado isolado de Janelas 2, que ocorre a menos de 500 metros de distância de uma outra *uilla*, Janelas 1 – em redor da qual a dispersão de manchas de ocupação poderá corresponder a algo semelhante ao que se conhece para Torre de Palma e outras *uillae* da região. Saliente-se ainda a presença ou os indícios de necrópoles nestas *uillae*, como abaixo se descreve. Por fim, em Pombal, na área da necrópole (Pombal 1) recolheu-se um fragmento de lábio de ânfora, a menos de 50 metros

de Pombal 2, um possível pequeno casal (uma vez mais seguindo a proposta M. Almeida, 2000), e a cerca de 500 metros do santuário cristão de Torre de Palma e 600 metros da *villa*.

Com excepção de Torre de Palma¹ e Cabeça de Vaiamonte, que remetemos para a bibliografia mencionada supra, considerámos pertinente descrever os sítios objecto do nosso estudo bem como os contextos específicos de recolha dos materiais. Isto porque continua a registar-se a reciclagem de informação imprecisa – veja-se por exemplo A. Carneiro (2002 e 2004) acerca dos sítios em redor de Torre de Palma – ou porque os sítios ainda se encontram em fase de preparação para publicação (Boaventura; Langley, *no prelo*).

Penedo do Ferro – Fortim implantado num cabeço com amplo domínio visual (vê-se e é-se visto), onde se avistam taludes de prováveis amuralhados que se apoiaram aos afloramentos graníticos. Além de espólio pré-histórico (Neolítico / Calcolítico), denunciando uma ocupação anterior, avista-se material cerâmico manual e de roda atribuível à Idade do Ferro, junto do qual se recolheram fragmentos de ânfora, nomeadamente o apresentado aqui. Este foi recolhido na escorrência do talude virado a Este-Nordeste.

Bibliografia: Mataloto, 2002; Boaventura; Langley, *no prelo*.

Outeiro da Mina – Recinto-torre, orientado Norte-Sul pelo eixo maior, com um recinto trapezoidal muralhado, integrando na ponta Sul, sobranceira à ribeira, uma torre quadrangular. A sua visibilidade de e para o sítio é deveras limitada. O amuralhado foi construído com grandes blocos graníticos locais parcialmente afeiçoados, apoiando-se nos afloramentos existentes. Os materiais cerâmicos apresentam pastas características da Idade do Ferro. O fragmento de ânfora recolhido, junto com algumas daquelas cerâmicas, localizava-se a meio da vertente Sul da estrutura em torre.

Bibliografia: Mataloto, 2002; Boaventura; Langley, *no prelo*.

¹ O mesmo que Lameiras. Esta designação surge telegraficamente pela pena de J. Machado (1964, p. 103), ao citar os trabalhos de M. Heleno em Monforte, no ano de 1951, declarando que este “fez um inquérito sobre novos mosaicos daquela região (Lameiras)”. Esta menção foi então repetida por outros autores, como por exemplo J. Alarcão (1988, p. 6/145) e J. Lancha (2000, p. 32). A recente recuperação dos apontamentos de M. Heleno permitiu verificar no seu caderno n.º 3 (1947-48), acerca de Torre de Palma (informação pessoal de Maia Langley) que este se refere a “S. Domingos de Torre de Palma (ou Lameira de S. Domingos)” salientando que a villa se situava no sítio “chamado Lameira”. De facto, antes deste registo peremptório, já a cartografia disponível parecia coincidir com as várias informações obtidas junto de pessoas locais (nomeadamente de João Peixe) que trabalharam em Torre de Palma, e noutros sítios em redor, nos anos 50-60, referindo-se aos mosaicos de Lameira/s e/ou Torre de Palma como um mesmo sítio, desconhecendo outro local nas imediações com esse nome. Possivelmente, a primeira designação de M. Heleno para aquele sítio, a que J. Machado teve acesso, era Lameira, mas alterou-se posteriormente para um nome mais enaltecido da importância do sítio, o nome da Herdade, Torre de Palma.

Reguengo 2 – Numa colina a Oeste do Monte do Reguengo existe um grande ovil circular. Em redor deste, para Norte, Este e Sul, podem avistar-se inúmeros vestígios de *tegula*, *imbrex*, tijolos subparalelopipédicos (normalmente associados a edifício termal?), grandes silhares rusticados em granito e opus signinum, sendo na área SE que foram recolhidos os fragmentos de ânfora e *terra sigillata* (com uma cronologia de meados do Séc. I a Séc. II – *c. p. E. Sepúlveda*). Inclusive, do lado Nordeste do muro do ovil, de tendência circular, sobressai uma parede recta, possivelmente romana. O cômputo global da área com vestígios ascende a cerca de 2 hectares. Por informação pessoal de João Peixe, pai (Boaventura, 2001), que ali trabalhou para M. Heleno na área da necrópole, estes vestígios correspondem aos locais onde ele e outros escavaram.

A noroeste de Reguengo 2, J. Peixe apontou a localização de outro local onde também trabalhou, no sopé do Outeiro da Boa Vista – o que deverá corresponder à necrópole com o mesmo nome, referida por M. Heleno (1962, p. 314, nota 1) dentro da Herdade do Reguengo. Naquele sítio recolhemos fragmentos de *terra sigillata* de meados do Séc. I e finais do II (*c. p. E. Sepúlveda*). Infelizmente, no MNA não parece ser possível destrinçar os materiais das duas necrópoles.

Segundo J. Caeiro (1974-77; 1977; 1978; 1979) os materiais da/s necrópole/s da Herdade do Reguengo (o mesmo que Reguengo 2) situam-se nos Séculos I e II.

De acordo com J. Peixe a necrópole de Reguengo 2 situava-se no extremo Norte da área, tendo sido cortada pela construção da estrada municipal Vaiamonte-Portalegre. No lado Norte dessa estrada, encontram-se ainda algumas pedras, imbrices e dolia. No Arquivo Manuel Heleno (MNA) uma carta de João Lino da Silva descreve 7 sepulturas de incineração com recipientes cerâmicos (alguns de *terra sigillata*), peça de vidro, moeda e fíbula, confirmado posteriormente por M. Heleno (1962, p. 313), apontando “um riquíssimo cemitério romano com muita terra sigillata, vidros, moedas, etc., e construções na herdade de Reguengo”.

Foram identificados 37 fragmentos de ânfora, incluindo os apresentados por A. Diogo (1999-2000).

As ânforas provenientes de Reguengo 2 enquadram-se em continuidade entre os Séculos I-IV e inícios do V. Os restantes materiais da intervenção de M. Heleno encontram-se depositados no MNA, infelizmente só em parte estudados (Caeiro, 1974-77; 1977; 1978; 1979; Alarcão, 1984).

Bibliografia: Arquivo Manuel Heleno; Heleno, 1962; Caeiro, 1974-77, 1977, 1978 e 1979; Alarcão, 1984 e 1988; Boaventura, 2001; Boaventura; Langley, no prelo.

Poço do Mesquita (também conhecido por Poço da Mesquita) – Numa área com cerca de 2 hectares, desde o topo do cabeço a Oeste do poço, em volta deste e até meio da encosta a Este, avistou-se *tegulae*, *imbrices*, *laterae*, tijolos de quadrante,

placas de mármore e cerâmica comum. Recolheu-se ainda fragmentos de ânfora e *terra sigillata*. Sob uma área de morouços (na encosta Oeste) surgem umas estruturas murais semicirculares onde foram reutilizados vários silhares graníticos. Vários fragmentos de *terra sigillata* apontam para uma ocupação contínua entre meados do Séc. I e finais do Séc. V (c. p. E. Sepúlveda). As ânforas apontam para os Sécs. III-IV e inícios do V.

Informação pessoal do Sr. Vicente Pedras refere que há alguns anos atrás ao lavrar na encosta a Este surgiu grande quantidade de “tijoleiras” – o que parece corresponder aos lateres observados no terreno. Noutro ano (cerca de 1995) o seu colega encontrou “umas caixas em pedra” com placas de mármore na encosta Oeste (possível necrópole?) – peças que ainda jazem nos morouços ali existentes.

Bibliografia: Boaventura; Langley, no prelo.

Branças – Sítio reconhecido após informação pessoal de Romão Mimoso. Numa colina sobranceira ao curso da ribeira do Almuro (ou da Colónia), avistava-se uma mancha de vestígios com cerca 7000m², com tegula, imbrice, latera, quadrantes, bases, tambores e fuste de colunas de mármore e granito, placa funerária (Batata; Boaventura, 1999), fragmentos de opus signinum (pedaços de pisos ainda com a meia cana), silhares, mós girantes e de vaivém, cerâmica comum, vidro, paredes finas, *terra sigillata*, ânforas, lucernas e peso de lagar (junto ao canal da ribeira) – junto a esta *villa* a ribeira da Colónia apresenta dois cursos, aparentando aquele que passa junto ao peso de lagar ser um curso artificial, talvez usado em associação com um possível lagar (?). Os fragmentos de paredes finas e *terra sigillata* apontam uma ocupação contínua entre finais do Séc. I e os Sécs. IV/V (c. p. E. Sepúlveda). As ânforas recolhidas também se enquadram entre os Séculos I e os inícios do V.

Bibliografia: Batata; Boaventura, 1999; Boaventura; Langley, no prelo.

São Lourenço – Área de vestígios que abrangerá cerca de 1 hectare. Dentro dessa área a antiga capela de São Lourenço está bem demarcada por restos de muros e concentração de telharia de aspecto mais recente (entre a qual surge tijoleira e *tegula*). Fica nas traseiras, a norte, do quintal do Centro de Recuperação de Menores do Assumar.

Em 1994, durante a abertura de valas no quintal foram avistados vários vestígios romanos: *tegulae*, lateres, cerâmica comum, *dolia*, ânfora, lucernas, paredes finas e *terra sigillata*, tendo sido recolhido algum deste material pelo Gabinete de História da Autarquia de Monforte – foram recolhidos cerca de 10 fragmentos de ânfora (informações pessoais de José Inácio Silva, Patrícia Cutileiro e António Diegues).

Informação pessoal do Sr. Cristiano, o maquinista que procedeu à abertura das valas com uma retro-escavadora, refere que durante a construção de um pequeno pontão, ali ter avistado “um estradão”; noutro local junto à esquina noroeste do quintal também tinha visto “aquelas pedras pequenas como existem nos chãos de Torre de Palma”, [ou seja, mosaicos]. As paredes finas e a *terra sigillata* apontam para uma cronologia entre o Séc. I e meados do Séc. VI (c. p. E. Sepúlveda), e as ânforas entre os Sécs. I-II/III e III-IV e inícios do V.

Corresponderá ao sítio de São Lourenço referido por J. Vasconcelos (1927-29, p. 200), que tinha “restos de alicerces de casas e aparecia d’antes por aí caqueirada antiga, bem como moedas, uma d’elas de Tito, de cobre”. M. Saa (1956 e 1959, p. 144) refere-se a uma ermida de São Brás, com restos de telharia romana, junto ao Assumar, na canada do Alicerce – apesar de se desconhecer o topónimo “São Brás” neste local, só pode corresponder à ermida de São Lourenço. Os vidros romanos do Assumar (Alarcão, 1978, p. 110-112; 1988, p. 150) deverão ter a mesma origem. Aliás, todos estes achados deverão ter resultado das construções da linha de ferro e do referido Centro.

A passagem da via imperial romana a cerca de duzentos metros de distância coloca a possibilidade de classificação deste sítio como *mansione*.

Bibliografia: Vasconcelos, 1927-29; Saa, 1956 e 1959; Alarcão, 1978 e 1988; Boaventura; Langley, no prelo.

Aldinha 1 – A Este do Monte da Aldinha, na encosta, mancha com cerca de 5000 m² com *tegulae*, *imbrices*, placas de mármore, silhares de granito, fragmentos de ânforas, cerâmica comum e *dolia*. A. Cunha (1985) aponta “restos de construções, pesos, mós e colunas de mármore”. O fragmento de ânfora ali recolhido data dos Séculos III-IV, inícios do V. O Monte também é conhecido por “Aldeinha”.

Bibliografia: Cunha, 1985 ; Boaventura; Langley, no prelo.

Janelas 2 – A ânfora surgiu, nos anos Setenta, durante uma lavra efectuada pelo maquinista Vicente Pedras, cujo relato nos permitiu a seguinte reconstituição: O contentor encontrava-se inteiro, tendo apenas sofrido um rasgo pelo arado. Estava deitado numa cama de pedras brancas (quartzos e feldspatos que ainda se avistam no local) com o bocal virado a Norte. Aparentemente o opérculo ainda se mantinha, mas ter-se-á desfeito quando o recipiente foi retirado da terra. O seu interior estava vazio. Desde então é guardada pela família dos proprietários daquela Herdade (fig. 11).

Bibliografia: Boaventura; Langley, no prelo.

Pombal – Povoado pré-histórico de grandes dimensões, datado do Neolítico final – Calcolítico (Boaventura, 2001), onde se instalaram, posteriormente, um habitat romano (mancha de dispersão com cerca de 1200 m²) no qual se recolheu *terra sigillata* atribuível à primeira metade do Séc. I (c. p. E. Sepúlveda), e, a cerca de 50 metros deste, para Este, uma necrópole tardo-romana – onde se recolheu à superfície um fragmento de ânfora datável também da primeira metade do Séc. I. Note-se que a numeração de Pombal 1 e 2 é apenas uma subdivisão do sítio pré-histórico, onde Pombal 1 integra a necrópole e Pombal 2 corresponde à área definida do habitat romano (Boaventura, 2001: mapa 4). Bibliografia: Heleno, 1962; Boaventura, 2000 e 2001; Boaventura; Langley, no prelo.

3. AS ÂNFORAS

A organização do catálogo das ânforas do concelho de Monforte seguiu as propostas de classificação de D. Peacock e D. Williams (1991) com as correcções introduzidas por C. Fabião e A. Carvalho (1990), atendendo também às propostas de A. Diogo (1987), relativamente às ânforas lusitanas.

Em alguns casos as lacunas de classificação de D. Peacock e D. Williams levou-nos a optar pela classificação dos contentores de acordo com as propostas de M. Sciallano e P. Sibella (1991).

O catálogo de ânforas incluiu apenas os fragmentos que forneceram as suas formas, ainda que se tenha juntado uma breve lista de outros fragmentos. Quanto à ânfora de Janelas 2, não foi possível realizar o seu desenho, nem a análise da pasta, apresentando-se somente a sua fotografia.

Numa fase adiantada deste artigo os fragmentos de ânfora foram alvo de uma candidatura para análise química de pastas pelo ITN, no âmbito do protocolo com o IPA. Infelizmente, esta ideia foi recusada, devido à proveniência dos materiais (maioritariamente de superfície) e a insuficiência de verba.

Uma primeira impressão da análise dos fragmentos anfóricos agora apresentados revela essencialmente produções lusitanas em detrimento de ânforas importadas de outras províncias (fig. 12.1 e 13.2).

O único fragmento de ânfora de produção itálica, da classe 4, tardo-republicana, parece surgir num contexto ainda pré-romano, mas já em contacto com os conquistadores romanos.

Os dois fragmentos de ânforas béticas reconstituídos, são das classes 15 e 16, a primeira vinária e a segunda para transporte de preparados de peixe. A pasta da ânfora da classe 15 apresenta as características das produções das margens do Guadalquivir, entre Córdova e Sevilha. Refira-se ainda que no território em

estudo estas ânforas costumam estar associadas a ambientes de uma primeira fase do estabelecimento romano.

Perante a natureza dos materiais estudados, a recolha de ânfora nos sítios analisados deve ser encarada positivamente, pois permite-nos apontar a sua presença, ainda que não possa confirmar as eventuais ausências. Apesar dessa situação, o universo agora abordado aparenta similitudes com as conclusões gerais de outros estudos: a presença de contentores de cronologia antiga associados a sítios pré-romanos ou de inícios da romanização (Mataloto, 2002); e a circulação de contentores, essencialmente de preparados de peixe (fig. 12.2 e 13.1), entre os séculos I e V (Almeida; Carvalho, 1998) durante o período de consolidação da romanização.

4. CATÁLOGO

Pombal

1. N.º Inventário: *POMB(96)066* (Fig. 4.1) – Fragmento de lábio de ânfora do tipo Dressel 10. Lábio moldurado e afilado. Pasta densa e muito compacta, cor-de-rosa (7.5YR7/4), com escassos elementos não plásticos boleados de grão muito fino, de dimensão inferior a 0,5 mm, constituídos por calcário, foraminíferos de estrutura tubular e palhetas de moscovite. A superfície externa apresenta-se coberta por um espesso engobo de cor bege (2.5Y8/3).

Penedo do Ferro

1. N.º Inventário: *PEFE(01)01* (Fig. 4.2) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (=Haltern 70). Lábio moldurado e boleado. Pasta grosseira cinzenta no núcleo (10YR7/2), apresentando abundantes elementos não plásticos angulosos e com distribuição irregular de não superior a 2 mm, constituídos por quartzo leitoso e hialino, feldspato, micaxisto, quartzito e minerais ferruginosos. A superfície externa está coberta por um engobo de cor bege (10 YR7/4).

Outeiro da Mina

1. N.º Inventário: *OMIN(01)01* (Fig. 4.3) – Fragmento parte superior de pança de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Apresenta uma marca de oleiro **SILVI** em cartela rectangular de ângulos arredondados impressa na base do colo. Pança troncocónica, abaixo da fractura é visível o arranque de uma asa de fita de secção ovóide com apresentando uma depressão decorrente da colagem da asa. A pasta é homogénea e compacta cor-de-rosa no núcleo (5YR7/4) e cor-de-laranja na periferia (5YR7/8) passando a vermelho tijolo (10R6/8) em

algumas zonas. Apresenta abundantes elementos não plásticos boleados com uma distribuição irregular e de grão fino constituídos por quartzo, feldspato e mica. Apresenta superfícies porosas cor-de-laranja (5YR7/8).

Reguengo 2

1. N.º Inventário: *MNA 2001.22.27* (Fig. 5.1) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Lábio boleado com espessamento interno e externo. Apresenta sulco paralelo à linha do lábio. Pasta vermelha no núcleo (2.5YR7/6), com zonas vermelhas escuras na área envolvente do núcleo, e bege na periferia, dura, homogénea e estratificada, com escassos elementos não plásticos boleados de dimensão inferior a 1 mm constituídos por quartzo (cinzento e leitoso), palhetas de moscovite, quartzito, feldspato e cerâmica moída. As superfícies, interna e externa, estão afagadas e cobertas com engobo de cor bege (7.5YR7/6).

2. N.º Inventário: *MNA 2001.22.25* (Fig. 5.2) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Lábio boleado com espessamento externo. Pasta castanha (5YR5/6) homogénea e compacta, com elementos não plásticos boleados de grão fino, de dimensão inferior a 1 mm, constituído por quartzo, feldspato e moscovite. A superfície externa, de cor castanha clara (5YR6/6), é afagada.

3. N.º Inventário: *MNA 2001.22.28* (Fig. 5.3) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Lábio boleado espessado interna e externamente. Pasta de bege (5YR7/6) grosseira e estratificada com abundantes elementos não plásticos boleados, com uma distribuição irregular, de grão médio a grosso com uma dimensão variando entre os 2 mm a 4 mm, constituídos por quartzo leitoso e hialino e palhetas de moscovite finas. A superfície externa apresenta-se coberta com um engobo de cor bege (5YR7/6).

4. N.º Inventário: *MNA 2001.22.4* (Fig. 5.4) – Fragmento de pé de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Pé troncocónico oco, espessado internamente. Pasta vermelha (5YR7/6) de textura homogénea, com abundantes elementos não plásticos boleados, distribuídos irregularmente, de dimensão superior a 1 mm constituídos por quartzo, feldspato e moscovite. As superfícies são rugosas. A superfície interna é da cor da pasta enquanto a externa apresenta uma cor vermelha acastanhada.

5. N.º Inventário: *MNA 2001.22.5* (Fig. 5.5) – Fragmento de pé de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Pé troncocónico oco espessamento interno. Pasta bege (7.5YR7/6) de textura homogénea com elementos não plásticos boleados de dimensão superior a 1 mm, constituídos por quartzo, feldspato e moscovite. As superfícies interna (de cor vermelha) e externa cor-de-laranja apresentam-se afagadas.

6. N.º Inventário: *MNA 2001.22.9* (Fig. 6.1) – Fragmento de boca com arranque de asa de ânfora do tipo Beltrán 72 (Lusitana 9). Bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto, lábio boleado em aba a partir do qual arranque uma asa de fita de secção plana. Pasta castanha clara (7.5YR6/4) de textura homogénea apresentando abundantes elementos não plásticos boleados de dimensão superior a 2 mm e inferior a 4 mm, com uma distribuição irregular, constituídos por quartzo e moscovite (escassa). As superfícies, interna e externa, são afagadas apresentando uma cor bege.
7. N.º Inventário: *MNA 2001.22.10* (Fig. 6.2) – Fragmento de boca com arranque de asa de ânfora do tipo Beltrán 72 (Lusitana 9). Bordo extrovertido com inflexão e sem ressalto terminando num lábio boleado a partir do qual arranque uma asa de fita. Pasta cor-de-laranja (5YR6/8) de textura estratificada apresentando abundantes elementos não plásticos boleados de dimensão superior a 1 mm e inferior a 2 mm, constituídos por quartzo feldspato e moscovite. A superfície é rugosa sendo a externa vermelha e a interna cor-de-laranja.
8. N.º Inventário: *MNA 2001.22.24* (Fig. 6.3) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 23 (Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio de secção triangular ligeiramente reentrante. Pasta vermelha no núcleo (2.5YR 6/8) e castanha na periferia (5YR 6/6), de textura grosseira e estratificada, apresentando abundantes elementos não plásticos angulosos constituídos por quartzo cinzento e feldspato de dimensão entre 1 e 2 mm. A superfície é afagada apresentando-se coberta por um engobo de cor bege (7.5YR 8/4).
9. N.º Inventário: *MNA 2001.22.6* (Fig. 6.4) – Fragmento de pé de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Pé troncocónico oco com espessamento interno, terminando num bico fundeiro com glande pouco pronunciada. Pasta cor-de-laranja (5YR7/8) de textura homogénea com abundantes elementos não plásticos constituídos por quartzo boleados e de distribuição irregular com uma dimensão variando entre 1 e 2 mm, bem como por palhetas de mica finas. A superfície interna e externa são rugosas e da cor da pasta.
10. N.º Inventário: *MNA 2001.22.7* (Fig. 6.5) – Fragmento de pé de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Pé troncocónico oco com espessamento externo. Pasta cor-de-laranja (5YR7/6) de textura densa e compacta, com elementos não plásticos boleados de dimensão igual ou inferior a 2 mm, constituídos por quartzo cinzento e micaxisto. A superfície interna apresenta uma cor vermelho tijolo, enquanto a superfície externa foi afagada apresentando uma cor castanha clara (7.5YR6/6) provavelmente da aplicação de um engobo.
11. N.º Inventário: *MNA 2001.24.1* (Fig. 7.1) – Fragmento de pança e pé de ânfora da classe 23 (=Almagro 51 C; Lusitana 4). Corpo piriforme apresentando

pé curto e diferenciado. Pé troncocónico oco com *omphalus* externo central. Pasta vermelha acastanhada homogénea e estratificada com abundantes elementos não plásticos boleados e de grão fino (dimensão não superior a 1 mm), constituídos por quartzo, moscovite e cerâmica moída. Apresenta a superfície externa e interna afagada e de cor vermelha.

12. N.º Inventário: *REGU2(99)05* (Fig. 7.2) – Fragmento de pé de ânfora da classe 23 (=Almagro 51 C; Lusitana 4?) Pé cónico maciço. Pasta vermelha (2.5YR6/8) pouco dura, homogénea e estratificada, com elementos não plásticos boleados, com distribuição regular, de grão fino (dimensão não superior a 1 mm), constituídos por quartzo leitoso e cinzento, minerais ferruginosos e moscovite. Superfícies da cor da pasta.

13. N.º Inventário: *MNA 2001.24.2* (Fig. 7.3) – Fragmento de pé de ânfora da classe 23 (=Almagro 51 C; Lusitana 4). Pé troncocónico oco com ressalto externo e glande pouco pronunciada. Pasta cor-de-laranja (2.5YR6/6) homogénea, com abundantes elementos não plásticos e boleados, mal distribuídos e de grão grosso, constituídos por quartzo e moscovite. Superfícies interna e externa de cor vermelha.

Fragmentos do MNA, não incluídos no catálogo:

2001.22.29 – fragmento de asa, Almagro 51C

2001.22.30 – fragmento de asa, Almagro 51C

2001.22.33 – corpo com arranque de asa, Almagro 51C

2001.22.34 – fragmento de asa, Almagro 51C

2001.22.35 – fragmento, Dressel 14

2001.22.08 – corpo com arranque de asa, Dressel 14(?)

2001.22.16 – fragmento, Almagro 51C

2001.22.13 – fragmento de asa, Dressel 14(?), pasta lusitana

2001.22.12 – fragmento, Dressel 14

2001.22.14 – fragmento de asa, Almagro 51C

2001.22.15 – fragmento, Almagro 51C, pasta lusitana

2001.22.17 – fragmento, Almagro 51C

2001.23.01 – fragmento corpo, pasta bética, provavelmente Baía Cádiz

2001.23.02 – fragmento, pasta bética

Poço do Mesquita

1. N.º Inventário: *PMES(99)18* (Fig. 7.4) – Fragmento de lábio com vestígios de arranque da asa de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio subtriangular com espessamento arredondado não pendente. Apresenta superfície externa afagada e coberta por um engobo cor bege (7.5YR6/6). A pasta homogénea

e compacta é castanha acinzentada no núcleo (2.5Y5/2) e vermelho clara na periferia (2.5YR6/6) apresentando elementos não plásticos de grão fino e distribuição irregular constituídos por quartzo boleado.

2. N.º Inventário: *PMES(99)17* (Fig. 7.5) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio subtriangular com espessamento arredondado não pendente. Apresenta a superfície externa e interna de cor bege (7.5YR7/4). A pasta é bege (10YR8/3) no núcleo e castanho avermelhada (5YR6/6) na periferia é homogénea e compacta com abundantes elementos não plásticos boleados constituídos por quartzo e moscovite de dimensão inferior a 1 mm.

3. N.º Inventário: *PMES(99)05* (Fig. 7.6) – Fragmento de boca de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio subtriangular com espessamento arredondado não pendente. Asa de fita de secção ovóide arrancado da parte inferior do lábio. A pasta, vermelha (2.5YR6/8), apresenta textura grosseira com abundantes elementos não plásticos boleados constituídos por quartzo, moscovite e feldspato de dimensão superior a 2 mm. A superfície externa porosa de cor bege (10YR8/4).

Branças

1. N.º Inventário: *BRAN(94)64* (Fig. 8.1) - Fragmento de lábio de ânfora da classe 20/21 (=Dressel 14; Beltrán IV; Lusitana 2). Lábio subvertical com espessamento arredondado. recobrimdo a pasta homogénea e compacta de cor vermelho tijolo (2.5YR6.5/8) com abundantes elementos não plásticos constituídos por quartzo (boleados), feldspato e palhetas de mica muito finas. As superfícies, interna e externa, apresentam um espesso engobo cor-de-laranja (5YR7/6).

2. N.º Inventário: *BRAN(94)62* (Fig. 8.2) – Fragmento de lábio de ânfora do tipo Lusitana 3. Lábio triangular arredondado ligeiramente pendente. Pasta homogénea e compacta de cor vermelho tijolo (2.5YR6/8) com abundantes elementos não plásticos de grão grosso constituído por quartzo, feldspato e palhetas de mica finas. Superfície externa apresentando engobo de cor bege (7.5YR7.5/3).

3. N.º Inventário: *BRAN(94)63* (Fig. 8.3) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio de secção arredondada não pendente com vestígios arranque da asa na ligação do lábio ao colo. Pasta estratificada cor-de-laranja (5YR6/6) apresentando abundantes elementos não plásticos de grão fino boleados constituídos por quartzo, feldspato e micaxisto. Apresenta superfícies porosas sendo a externa cor-de-laranja (7.5YR7/6) e a interna castanha clara (7.5YR6/4).

4. N.º Inventário: *BRAN(94)28* (Fig. 8.4) – Fragmento de boca de ânfora da classe 23 (=Almagro 51 C; Lusitana 4). Lábio de secção subtriangular com espessamento externo pendente e vestígios do arranque da asa sobre o lábio. Pasta homogénea e compacta, cinzenta no núcleo (10YR5/1) e cor-de-rosa na periferia

- (7.5YR7/4), apresentando elementos não plásticos boleados constituídos por quartzo e minerais ferruginosos. Superfície porosa cor-de-laranja (7.5YR7/6).
5. N.º Inventário: *BRAN(94)53* (Fig. 8.5) – Fragmento de lábio com arranque da asa de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio subtriangular com espessamento externo arredondado não pendente. Pasta homogénea e compacta com abundantes elementos não plásticos boleados de grão fino constituídos por quartzo, feldspato e palhetas de mica. Superfície externa porosa cor-de-laranja (5YR7/6) e superfície interna de cor castanha avermelhada (5YR6/4).
6. N.º Inventário: *BRAN(94)56* (Fig. 9.1) – Fragmento de boca com arranque de asa de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio de secção subtriangular arredondado. Asa de fita de secção ovóide arrancando do lábio. Pasta homogénea e compacta cor-de-laranja (5YR7/7) com abundantes elementos não plásticos boleados constituídos por quartzo, feldspato, mica e minerais ferruginosos. Superfície porosa.
7. N.º Inventário: *BRAN(94)59* (Fig. 9.2) – Fragmento de pé ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Pé troncocónico oco de base convexa. Pasta homogénea compacta vermelha-clara (2.5YR7/8) com elementos não plásticos angulosos constituídos por quartzo, feldspato e mica de dimensão superior a 2 mm. Apresenta superfícies porosas cor-de-laranja (5YR7/8).
8. N.º Inventário: *BRAN(94)26* (Fig. 9.3) – Fragmento de pé de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Pé troncocónico maciço de base convexa. Pasta homogénea e compacta cor-de-laranja (5YR6/6) com abundantes elementos não plásticos angulosos de grão fino constituídos por feldspato e quartzo. Apresenta a superfície externa afagada e coberta com um fino engobo de cor alaranjada (5YR7/6).
9. N.º Inventário: *BRAN(94)20* (Fig. 9.4) – Fragmento de boca com arranque de asa de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Lábio moldurado e arredondado. Asa de fita de secção ovóide arrancando do lábio. Pasta homogénea e compacta vermelha-clara (2.5YR7/8) com abundantes elementos não plásticos boleados constituídos por cerâmica moída, quartzo, feldspato, mica e minerais ferruginosos. Superfície porosa.
10. N.º Inventário: *BRAN(94)58* (Fig. 9.5) – Pé de ânfora do tipo Almagro 51 A-B. Pé tronco-cónico maciço de base convexa. Pasta homogénea e compacta de castanha (5YR5.5/4) com abundantes elementos não plásticos boleados finos constituídos por quartzo hialino, feldspato e mica. Apresenta superfície externa afagada com aplicação de engobo castanho claro (5YR6/6).

São Lourenço

1. N.º Inventário: *SLOR(95)09* (Fig. 10.1) – Fragmento de lábio de ânfora do tipo Almagro 51 A-B(?). Apresenta um lábio com espessamento externo arredondado e ligeiramente reentrante. Pasta homogénea e compacta de cor vermelha (2.5YR6/8)

com escassos elementos não plásticos boleados de grão fino e pontualmente com alguns grãos de quartzo de dimensão superior a 1 mm, constituído por quartzo e moscovite. A superfície externa apresenta um engobo de cor bege (7.5YR7/6).

2. N.º Inventário: *SLOR(95)08* (Fig.10.2) – Fragmento de boca de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Apresenta lábio triangular. A pasta é homogénea e compacta vermelha (2.5YR6/8) com escassos elementos não plásticos angulosos constituídos por quartzo cinzento e hialino, feldspato, palhetas de moscovite finas e cerâmica moída. A superfície externa apresenta-se recoberta com engobo de cor bege (7.5YR7/6).

3. N.º Inventário: *SLOR(95)25* (Fig. 10.3) – Fragmento de lábio de ânfora da classe 22 (=Lusitana 5 variante B). Apresenta lábio boleado espessado externamente em aba. A pasta dura, homogénea e compacta é cinzenta no núcleo (2.5YR6/1) e bege na periferia (7.5YR7/6). Apresenta elementos não plásticos semi angulosos e boleados constituídos por quartzo cinzento, feldspato (pouco frequente), moscovite (palhetas de dimensão inferior a 5 mm, micaxisto e cerâmica moída. A superfície externa de cor bege (7.5YR7/6) apresenta-se afagada enquanto a superfície interna é vermelha (2.5YR 6/6).

4. N.º Inventário: *SLOR(95)14* (Fig. 10.4) – Pé de ânfora da classe 22 (=Almagro 50; Lusitana 6). Pé cónico oco com glande desenvolvida e bico de base convexa. A pasta é homogénea e compacta vermelha no núcleo (5YR7/8) e cor-de-laranja na periferia junto à superfície externa (2.5YR6/8), apresentando abundantes elementos não plásticos angulosos e de grão grosso, constituído por quartzo, minerais ferruginosos e cerâmica moída. Superfície externa porosa é cor-de-laranja (2.5YR6/8).

5. N.º Inventário: *SLOR(95)32* (Fig. 10.5) – Fragmento de boca de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Apresenta um lábio com espessamento externo arredondado e ligeiramente reentrante. Pasta homogénea e compacta de cor vermelha com escassos elementos não plásticos boleados de grão fino e pontualmente com alguns grãos de quartzo de dimensão superior a 1 mm, constituído por quartzo, feldspato e moscovite. A superfície externa apresenta um engobo de cor bege.

Aldinha 1

1. N.º Inventário: *ALDI(95)02* (Fig. 10.6) – Fragmento de pé de ânfora da classe 23 (=Almagro 51C; Lusitana 4). Pé cilíndrico oco mostrando base com *omphalus*. Pasta vermelha (5YR6/6) homogénea e pouco compacta com vacúolos com 1 a 2 mm de diâmetro e elementos não plásticos boleados de grão fino constituídos por quartzo, moscovite e cerâmica moída. Superfície externa do cor alaranjada (7.5YR7/6) porosa.

Alfragide e Covilhã, Março de 2005.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1978) – Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). *Conímbriga*. Coimbra, 17, p. 101-112, il..
- ALARCÃO, J. (1984) – Sete jarros de vidro romanos. *Lucerna. Colectânea de Estudos de Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto. N.º extraordinário, p. 173-178.
- ALARCÃO, Jorge (1988) – *Roman Portugal: Gazetteer*. England: Aris&Phillips Ltd. Vol. 2.
- ALMEIDA, M. J. (2000) – *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Coimbra: Faculdade de Letras. Dissertação de mestrado. Policopiado.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (1998) – Ânforas da uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 2, p. 137-163.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (no prelo) – Vias e circulação de produtos no SW do *conuentus emeritensis*: o exemplo da Quinta das Longas (Elvas, Portugal).
- BATATA, C.; BOAVENTURA, R. (1999) – Fragmento de placa funerária das Brancas. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 61, n.º 278.
- BOAVENTURA, R. (2000) – O Campaniforme do habitat do Pombal (Monforte, Alto Alentejo, Portugal). In *Actas 3.º Congresso de Arqueologia Península. Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. Vol. 4, p. 291-300.
- BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: IPA.
- BOAVENTURA, R.; LANGLEY, M. (no prelo) – Apontamentos arqueológicos para a História da Região de Monforte.
- CAEIRO, J. S. (1974-1977) – O Espólio da Herdade do Reguengo, Vaiamonte (3). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série, VII-IX, p. 227-241, il..
- CAEIRO, J. S. (1977) – Quatro peças inéditas de Sigillata Hispânica. *Conímbriga*. Coimbra. 16, p. 139-144.
- CAEIRO, J. S. (1978) – A sepultura n.º 3 da necrópole da Herdade do Reguengo (Vaiamonte). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 203-210, il..
- CAEIRO, J. S. (1979) – O espólio arqueológico da Herdade do Reguengo (Vaiamonte): I – Materiais Dispersos. *Conímbriga*. Coimbra. 18, p. 113-120, il..
- CARNEIRO, A. (2002) – *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado. 2 vols. Policopiado.
- CARNEIRO, A. (2004) – *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Lisboa: Edições Colibri.
- CUNHA, A. (1985) – *Carta arqueológica do concelho de Monforte*. Monforte: Gabinete de História da Câmara Municipal de Monforte.
- DIOGO, A. M. D. (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série, 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1996) – Elementos sobre ânforas de fabrico lusitano. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; Seixal: Câmara Municipal. p. 61-71.

- DIOGO, A. M. D. (1999-2000) – Ânforas romanas provenientes do Nordeste alentejano (Herdade do Reguengo, Torre de Palma, Cabeço de Vaiamonte e Santa Vitória do Ameixial). *Ibn Maruan*. Marvão. 9-10, p. 311-327.
- DRESSEL, H. (1899) – *Corpus Inscriptionum Latinarum.: Inscriptiones Urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum. XV. 2. Partis posterioris fasciculus I*. Berlim: Brandenburgische Akademie der Wissenschaften.
- FABIÃO, C. (1996) – O povoado fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série, 11, p. 35-84.
- FABIÃO, C. (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. Vol. 1 - 3. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Policopiado.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990) – Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In *As ânforas lusitanas tipologia, produção comércio*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga. p. 37-63.
- GAMITO, T. J. (1988) – *Social Complexity in Southwest Iberica 800-300 B.C.: The case of Tartessos*. Oxford: Bar International Series.
- HELENO, M. (1962) – A «villa» lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.^a série, IV, p. 313-338, il..
- LANCHA, J.; ANDRÉ, P. (2000) – *A villa de Torre de Palma*. Lisboa: IPM.
- LOPES, C.; BOAVENTURA, R. (1997) – O Povoamento pré-histórico dos 4.^o - 3.^o Milénios na região [de] Monforte: O estado da questão. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, Zamora, Set. 24-27 1996*. Vol. 2, p. 381-387.
- LOPES, M. C. (2003) – *A cidade romana de Beja: Percursos em torno de Pax Iulia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. Vol. 1.
- MACHADO, J. L. S. (1964) – Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.^a série, 5, p. 51-448. Sep. de 1965.
- MALONEY, S. J. (1999-2000a) – As escavações da Universidade de Louisville na villa de Torre de Palma, Portugal 1983-2000: alguns resultados preliminares. *A Cidade*. Portalegre. Nova Série, 13-14, p. 105-120.
- MALONEY, S. J. (1999-2000b) – The Villa of Torre de Palma, Portugal: Archaeology and Preservation. *Portuguese Studies Review*. Ontario. 8:1, p. 14-28.
- MATALOTO, R. (2002) – Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: Antecâmara da “romanização” dos campos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 161-220.
- PEACOCK, D.P.S.; WILLIAMS, D.F. (1991) – *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide*. London; New York: Longman.
- SAA, M. (1956) – *As grandes vias da Lusitânia*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória. Vol. 1. p. 190-195, 293-295.
- SAA, M. (1959) – *As grandes vias da Lusitânia*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória. Vol. 2. p. 144.
- SCIALLANO, M.; SIBELLA, P. (1991) – *Amphores: comment les identifier?* Aix-en-Provence: Edisud.
- VASCONCELOS, J. L. (1927-1929) – Antiguidades do Alentejo. *O Archeologo Português*. Lisboa, 1.^a série, 28, p. 158-200, il..

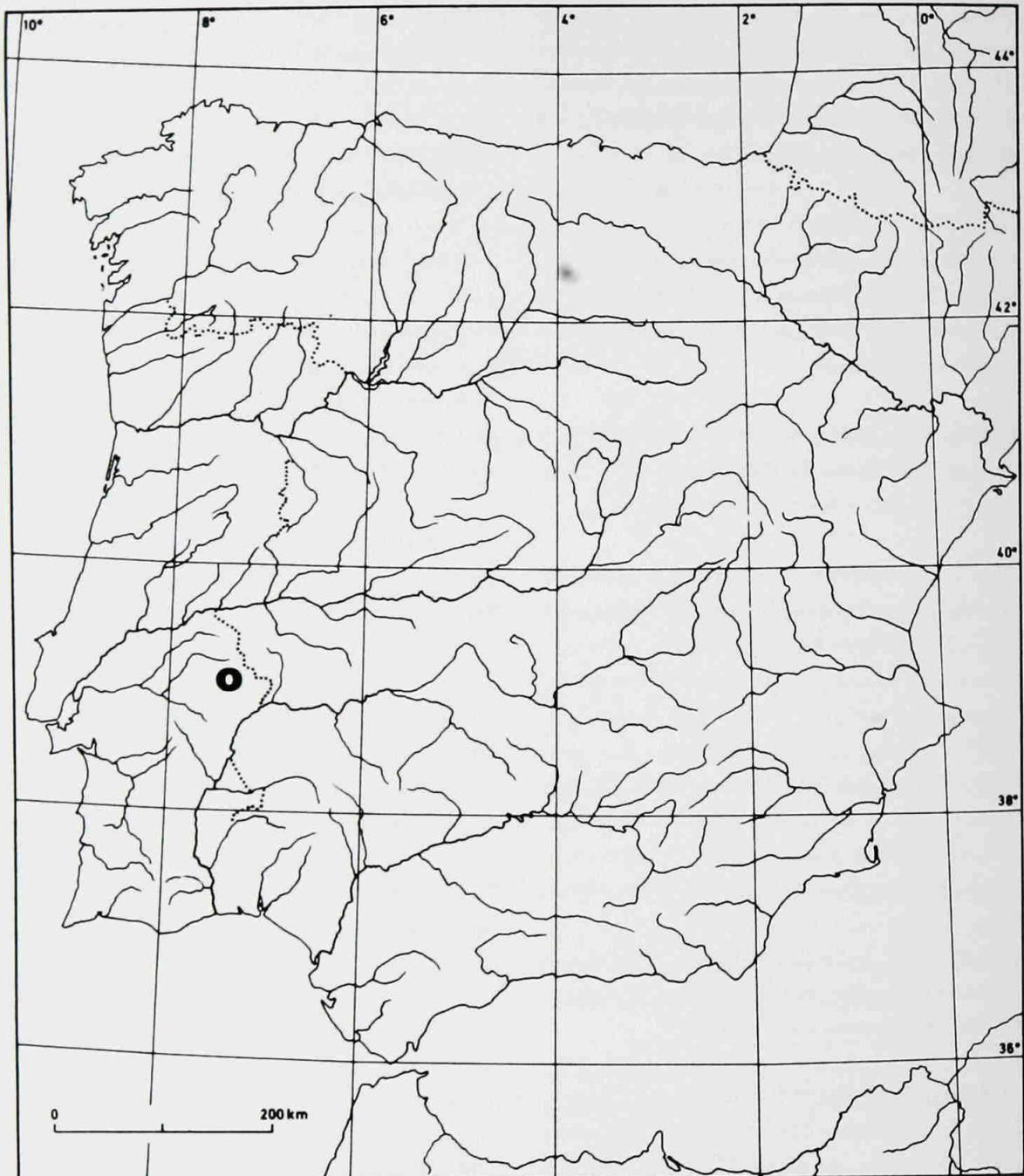


Fig. 1 – Região de Monforte na Península Ibérica.

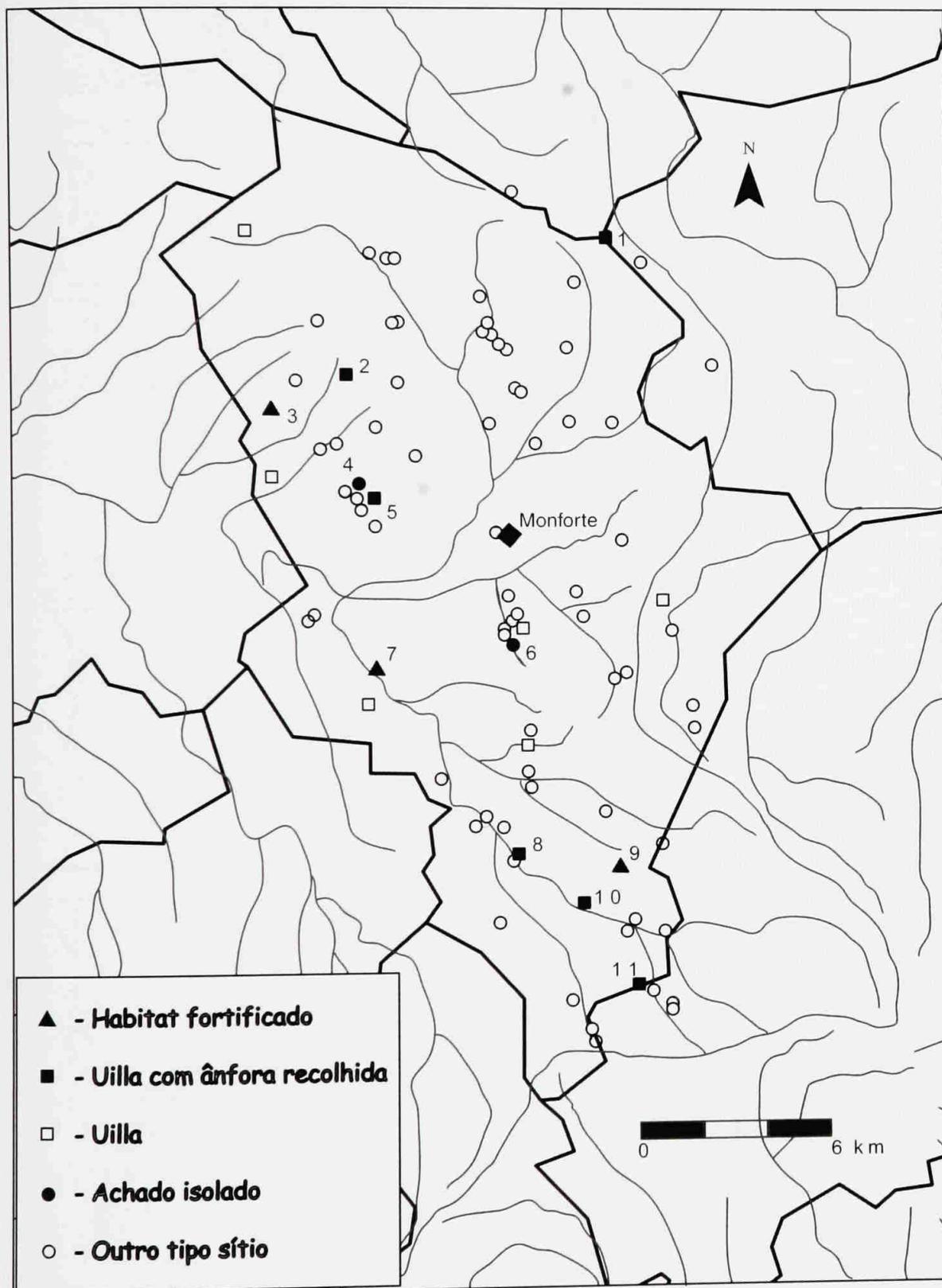


Fig. 2 – Vestígios romanos na região de Monforte (mapa elaborado por Maia Langley) 1 – São Lourenço; 2 – Reguengo 2; 3 – Cabeça de Vaiamonte; 4 – Pombal; 5 – Torre de Palma; 6 – Janelas 2; 7 – Outeiro da Mina; 8 – Poço do Mesquita; 9 – Penedo do Ferro; 10 – Brancas; 11 – Aldinha 1.

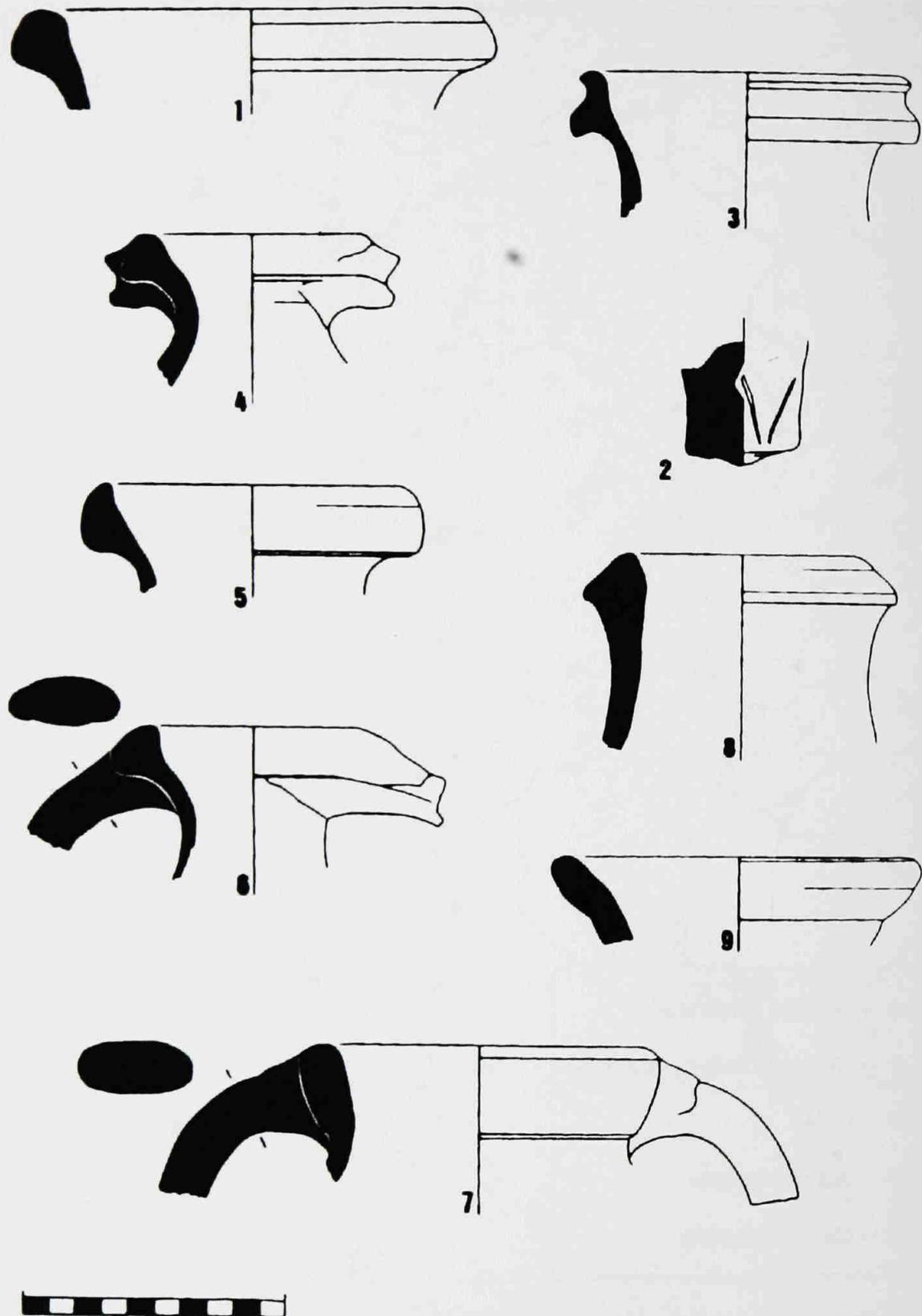


Fig. 3 – Ânforas de Reguengo 2, segundo A. Diogo (1999-2000, fig. 2), agora codificadas. 1- 2001.22.22; 2-2001.22.03; 3- 2001.22.23; 4- 2001.22.02; 5- 2001.22.19; 6- 2001.22.01; 7- 2001.22.18; 8- 2001.22.21; 9- 2001.22.20.

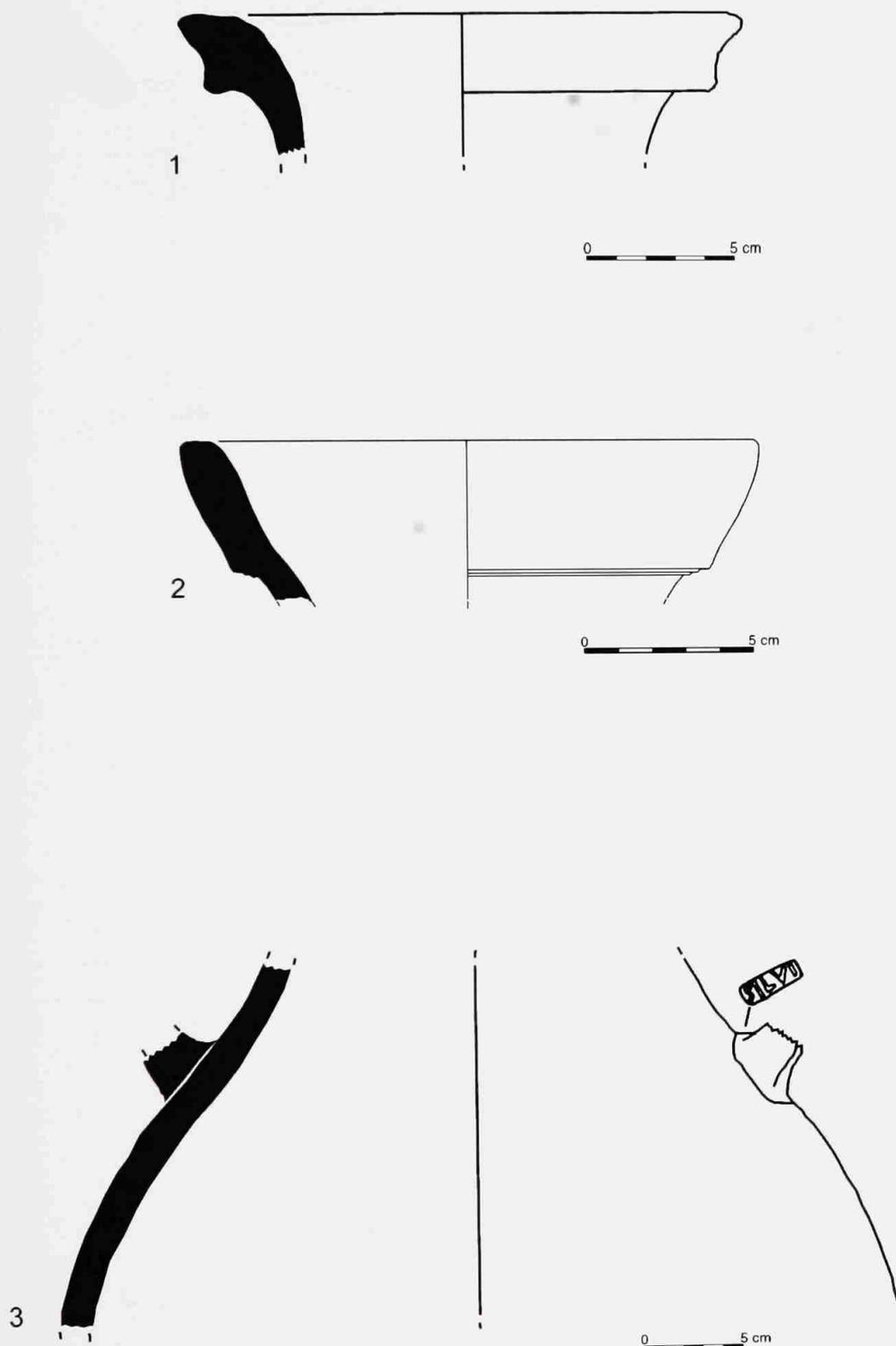


Fig. 4 – Pombal 1; 1 – POMB(96)66; Penedo do Ferro, 2 – PEFE(01)01; Outeiro da Mina, 3 – OMIN(01)01.

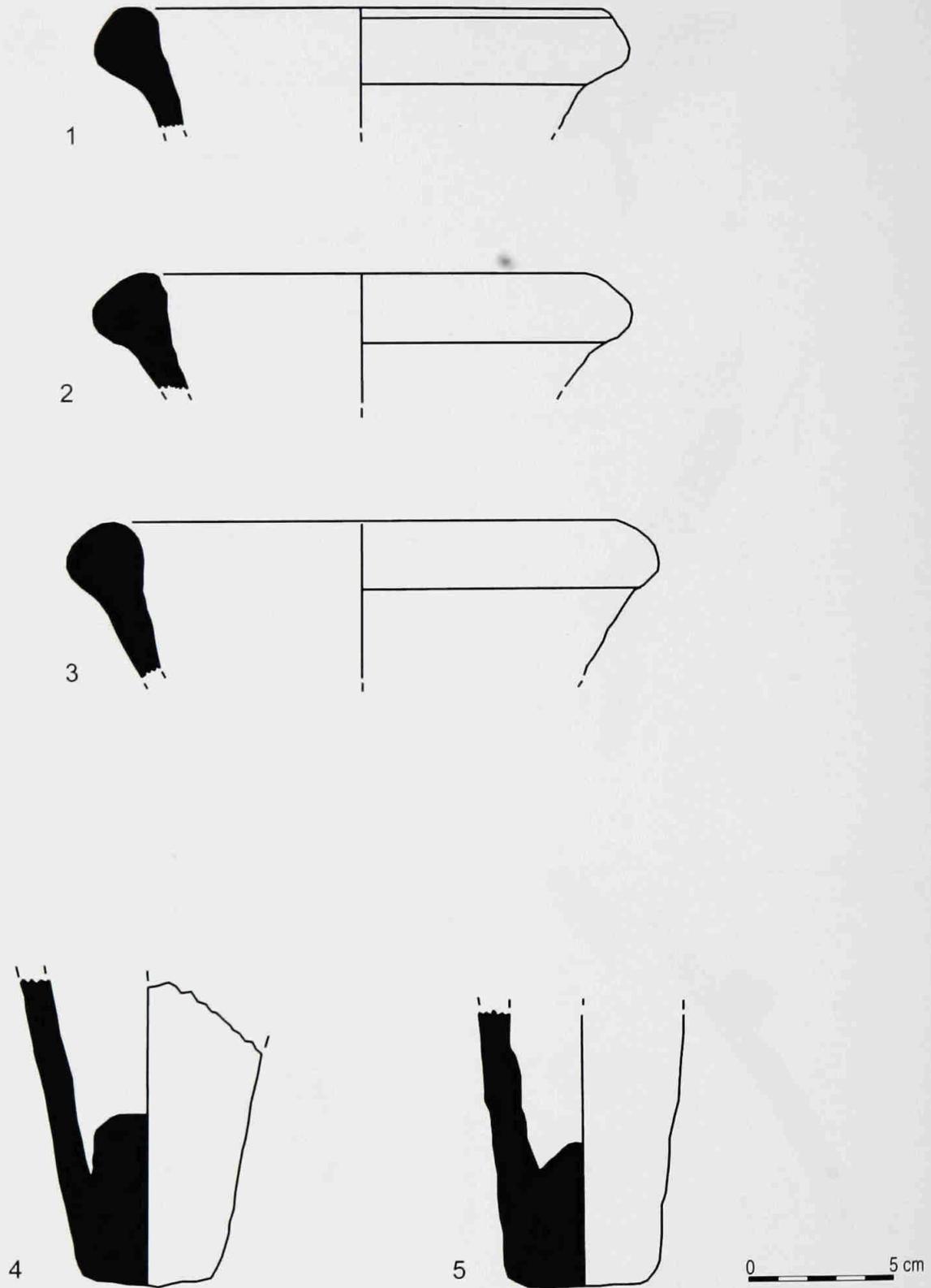


Fig. 5 – Reguengo 2; 1 - 2001.22.27; 2 - 2001.22.25; 3 - 2001.22.28; 4 - 2001.22.04; 5 - 2001.22.05.

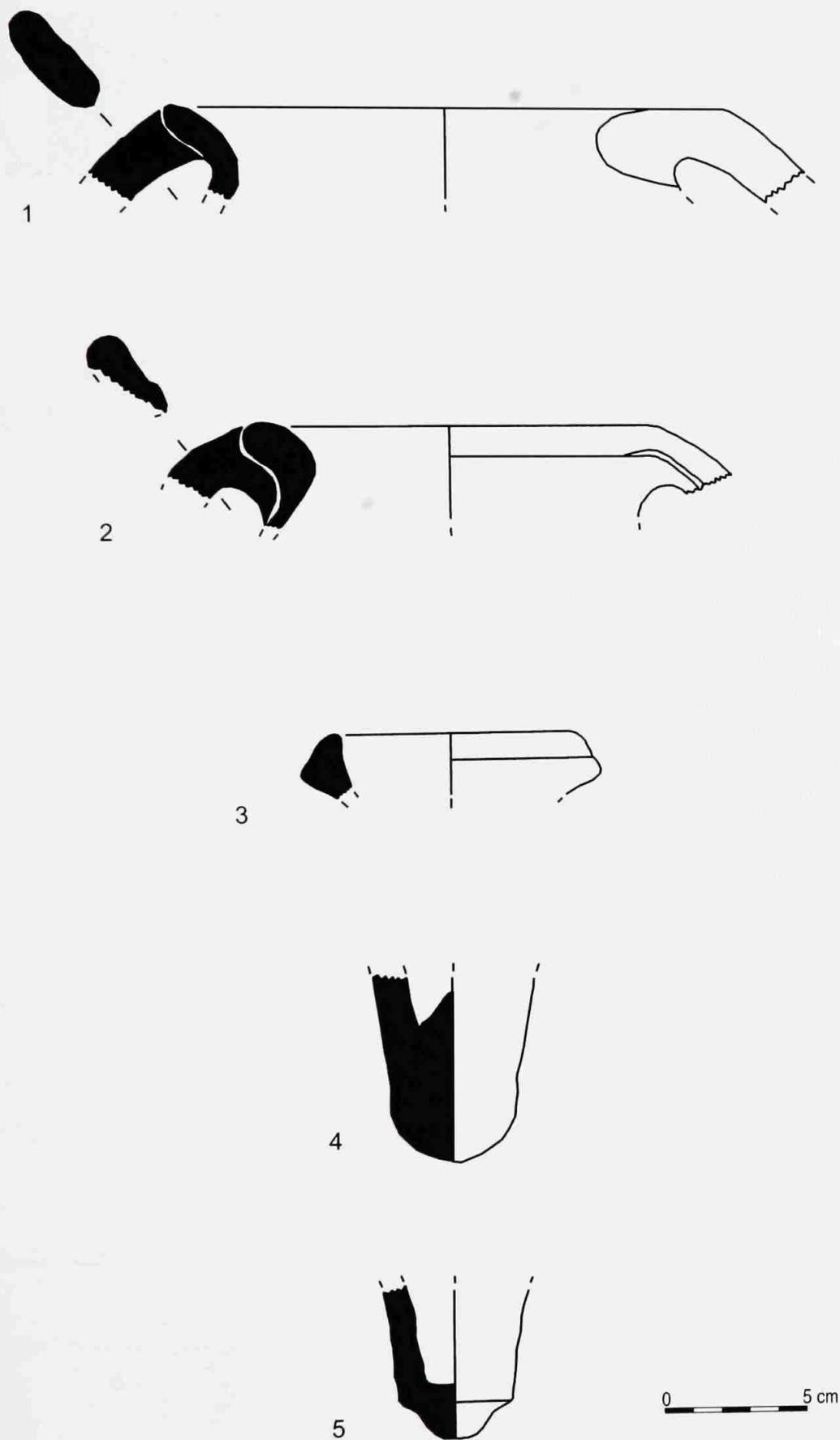


Fig. 6 – Reguengo 2; 1 – 22001.22.09; 2 – 2001.22.10; 3 – 2001.22.24; 4 – 2001.22.06; 5 – 2001.22.07.

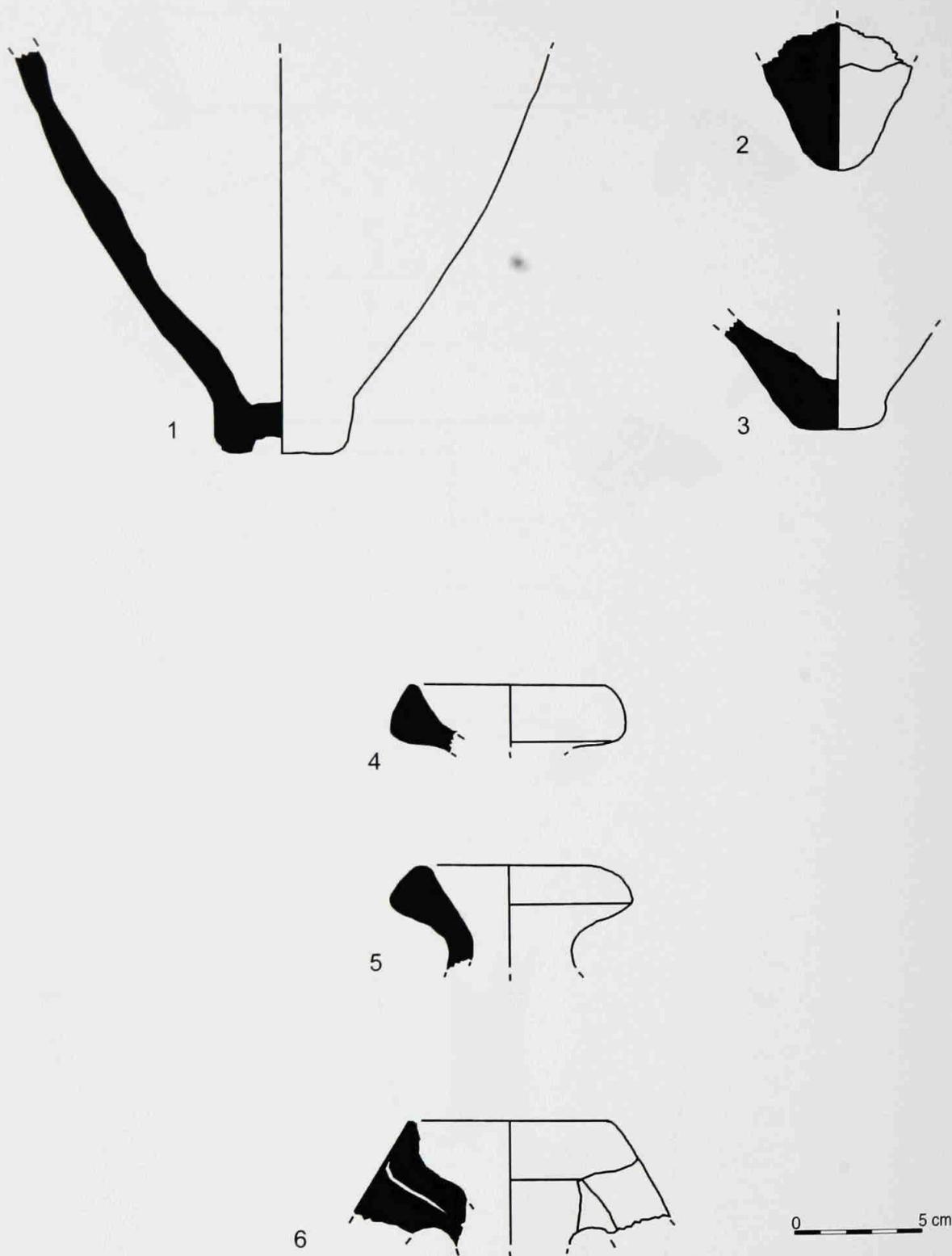


Fig. 7 – Reguengo 2; 1 – 2001.24.01; 2 – REGU2(99)05; 3 – 2001.24.02; Poço do Mesquita, 4 – PMES(99)18; 5 – PMES(99)17; 6 – PMES(99)05.

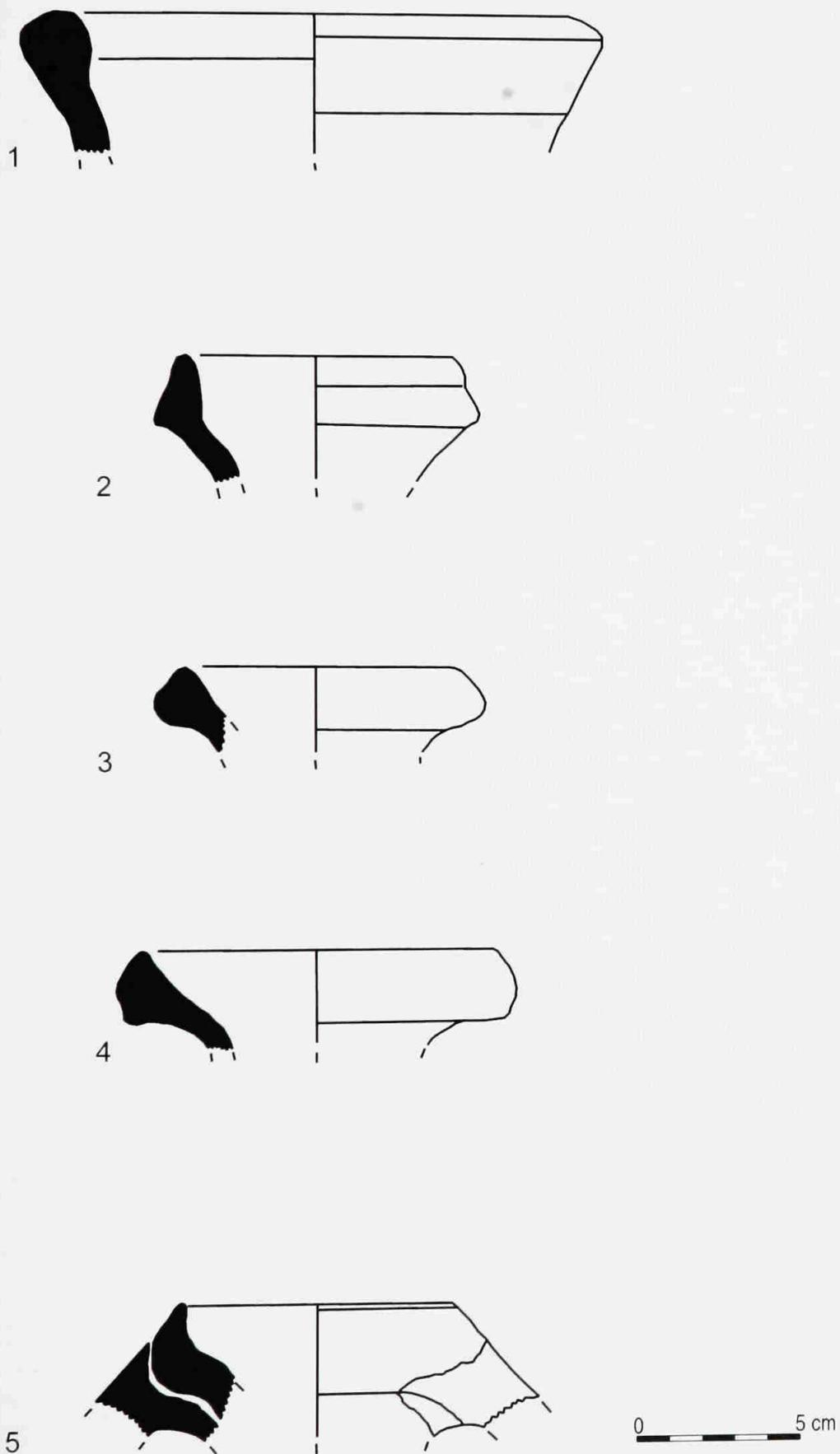


Fig. 8 – Brancas; 1 – BRAN(94)64; 2 – BRAN(94)62; 3 – BRAN(94)63; 4 – BRAN(94)28; 5 – BRAN(94)53.

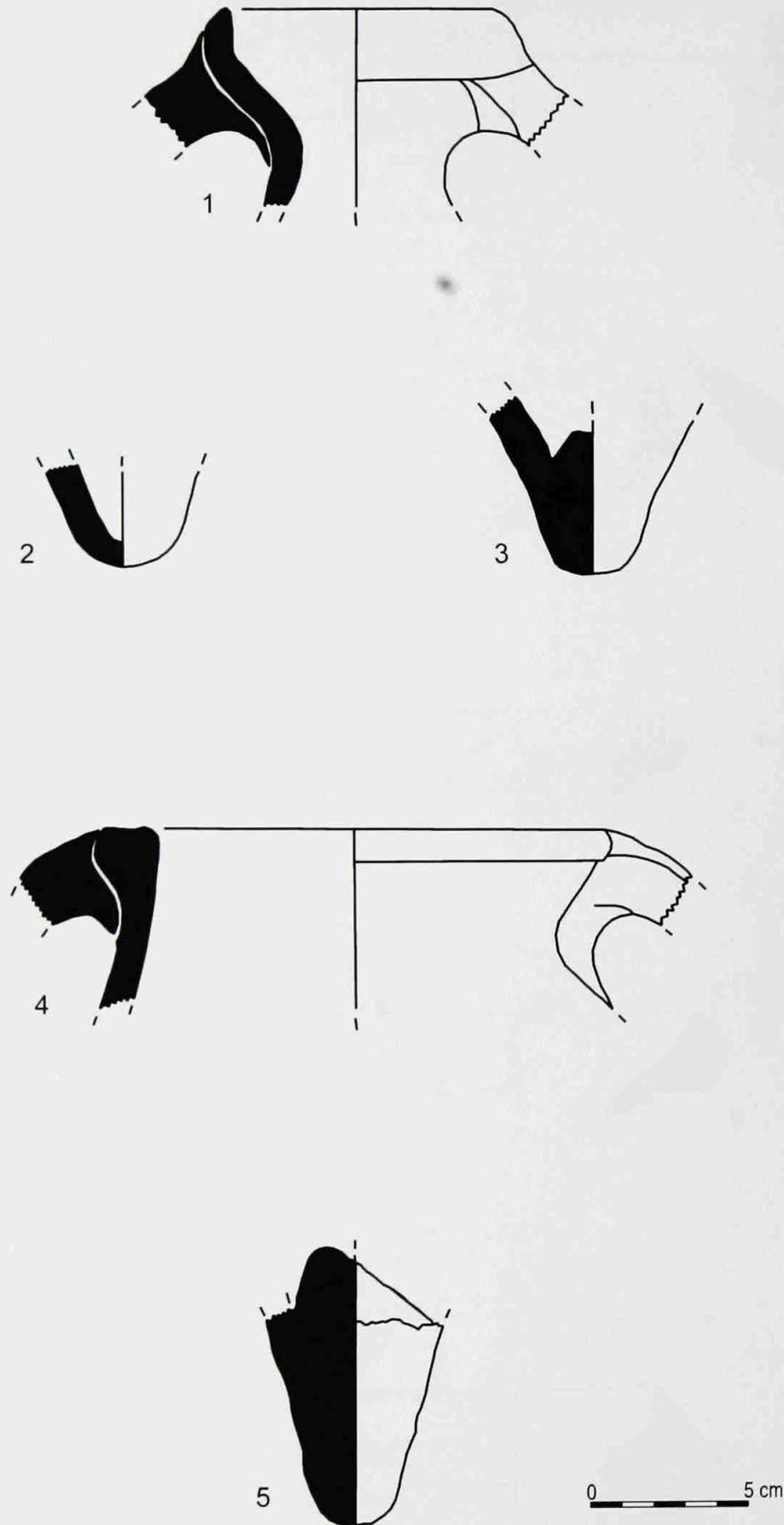


Fig. 9 – Brancas; 1 – BRAN(94)56; 2 – BRAN(94)59; 3 – BRAN(94)26; 4 – BRAN(94)20; 5 – BRAN(94)58.

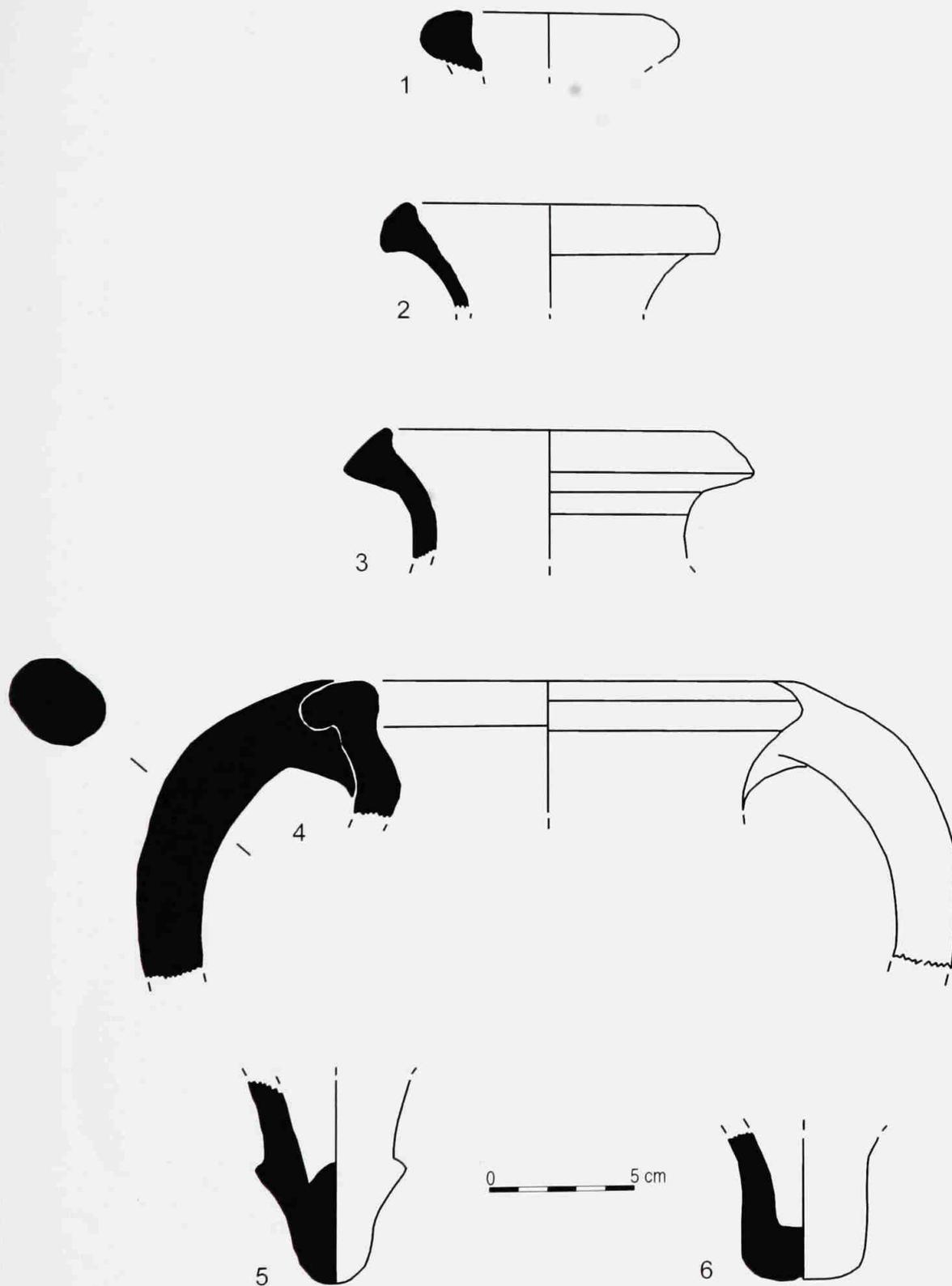


Fig. 10 – São Lourenço; 1 – SLOR(95)09; 2 – SLOR(95)32; 3 – SLOR(95)08; 4 – SLOR(95)25; 5 – SLOR(95)14; Aldinha, 6 – ALDI(95)02.

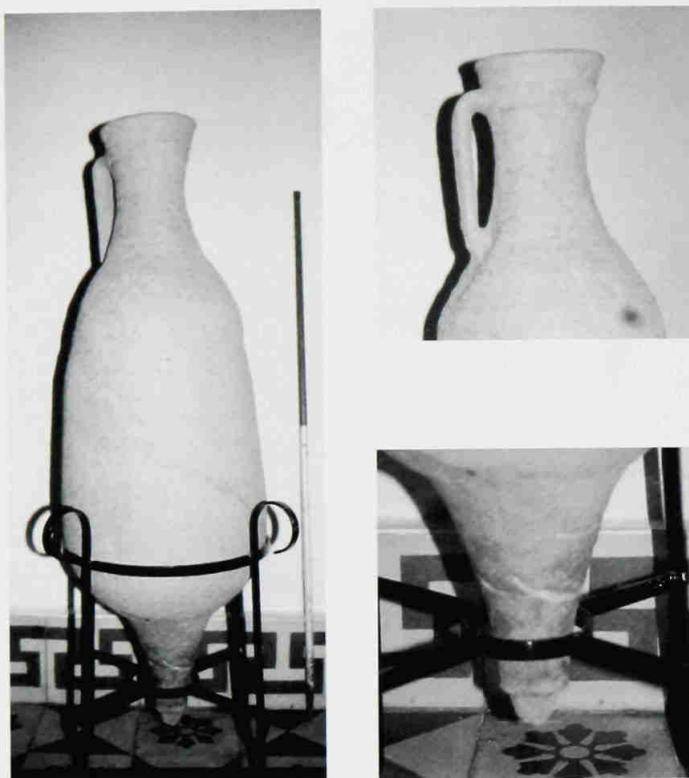
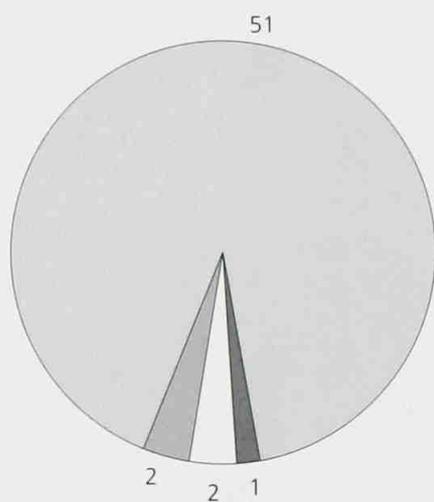


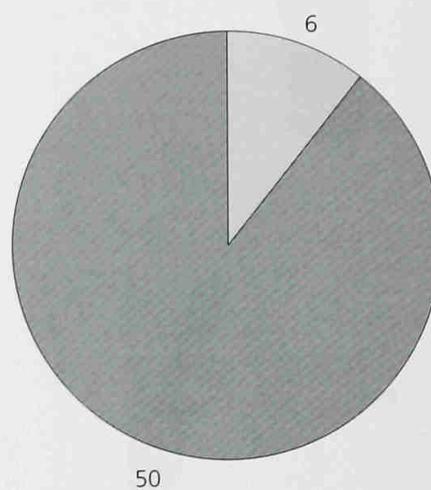
Fig. 11 – Ânfora de Janelas 2 com pormenor do bocal e fundo.

Ânforas do concelho de Monforte



- Península Itálica
- Gália
- Bética
- Lusitânia

Fig. 12.1



- Vinho
- Preparados de Peixe

Fig. 12.2

Ânforas do concelho de Monforte

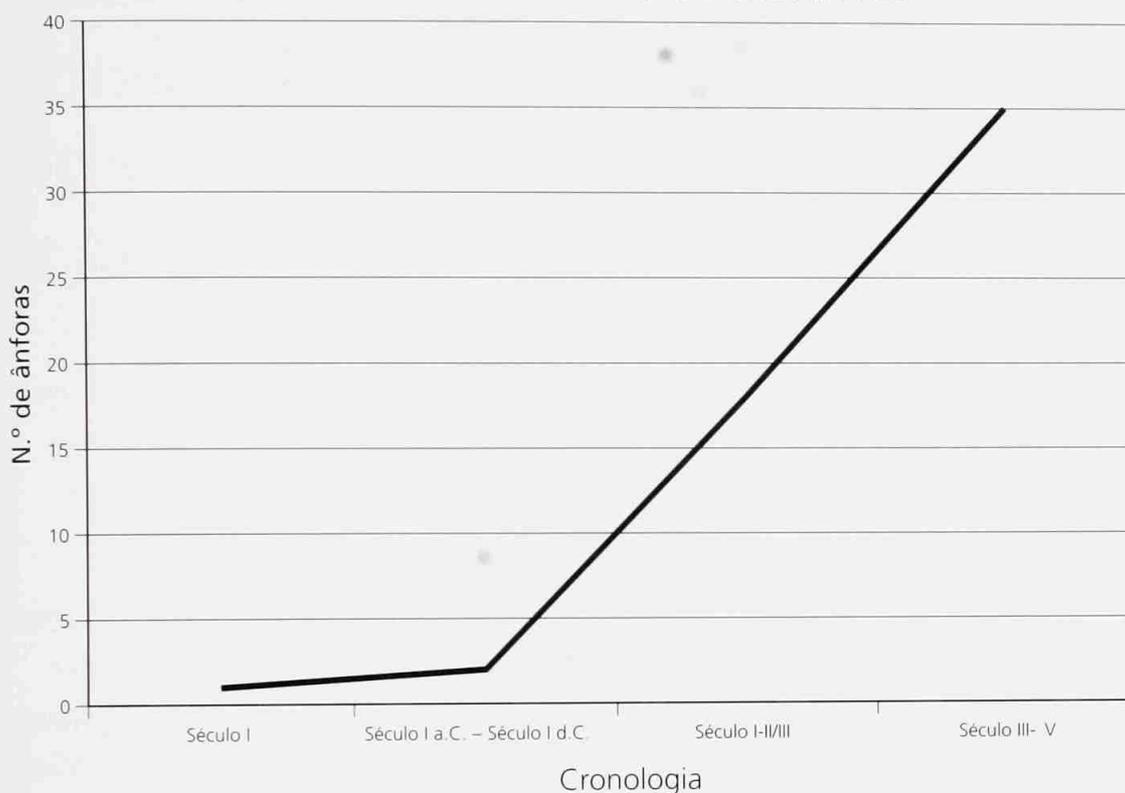


Fig. 13.1

Ânforas do concelho de Monforte

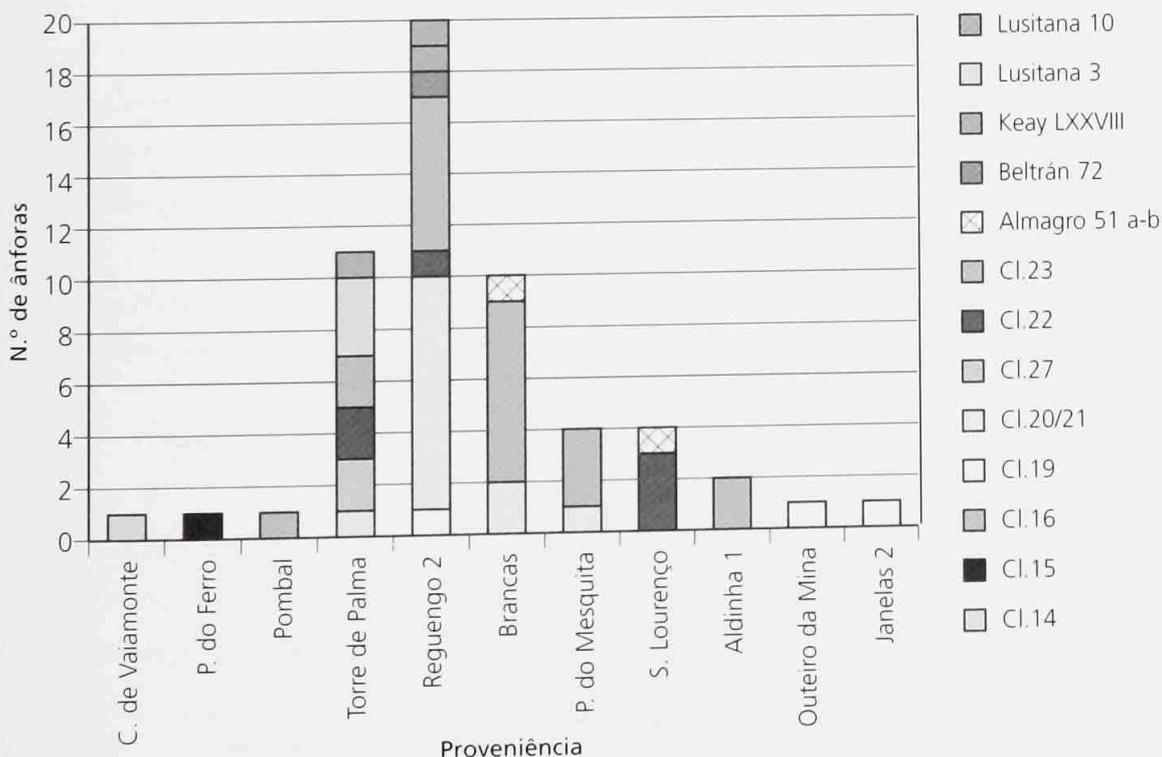


Fig. 13.2